

# **CAMINHANDO AO CAMPO SANTO: UM ESTUDO SOBRE A “CAMINHADA DA SECA” NO MUNICÍPIO DE SENADOR POMPEU, CEARÁ (BRASIL)**

*WALKING TO THE HOLY FIELD: A STUDY OF THE ‘DROUGHT WALK’ IN THE  
MUNICIPALITY OF SENADOR POMPEU, CEARÁ (BRAZIL)*

*CAMINANDO AL CAMPOSANTO: UN ESTUDIO SOBRE LA “CAMINATA DE LA SECA”  
EN EL MUNICIPIO DE SENADOR POMPEU, CEARÁ (BRASIL)*

Antônio Ismael da Silva Lima<sup>1</sup>  
Márcio José Pelinski<sup>2</sup>

## **Resumo**

Este trabalho objetiva estudar a Caminhada da Seca realizada no município de Senador Pompeu, Ceará. Partiu-se da compreensão de que a caminhada é um evento ritual político-religioso, que nasce da devoção popular às Almas da Barragem, mas que também denuncia injustiças sociais e reivindica a luta por direitos e pela dignidade humana. Organizada pela Igreja Católica com a colaboração dos vários movimentos sociais e culturais existentes no município e na região, a caminhada foi criada em 1982 com o intuito de promover a memória das milhares de vítimas dos campos de concentração, da seca de 1932, especialmente o Campo do Patu. Reunindo devotos e romeiros dos mais diversos lugares, o espaço é dedicado às orações em louvor e agradecimentos pelos milagres e graças alcançadas, atribuídos à intercessão das Almas. As almas do povo é o santo do povo, além disso, é também momento oportuno para protestar e fortalecer as lutas por políticas de convivência com o semiárido brasileiro, combatendo as desigualdades sociais e econômicas e visando o desenvolvimento sustentável. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, cujo referencial teórico é constituído pelas leituras de livros e artigos, além de sítios de internet e documentários com registros de relatos dos últimos sobreviventes dos campos, que permitiram compreender melhor o fenômeno político-religioso da Caminhada da Seca.

**Palavras-chave:** Caminhada da Seca; campos de concentração; Almas da Barragem; ritual; romaria.

## **Abstract**

The objective of this study is to examine the Drought Walk, an annual event held in the municipality of Senador Pompeu, Ceará. The walk is understood to be a political-religious ritual event, originating from popular devotion to the Souls of the Dam, yet also serving to denounce social injustices and demand the struggle for rights and human dignity. The Catholic Church, in collaboration with various social and cultural movements within the municipality and wider region, organised the walk in 1982 with the objective of promoting awareness of the thousands of victims of the 1932 drought concentration camps, with a particular focus on Campo do Patu. The space is dedicated to prayers in praise and thanks for the miracles and graces achieved, attributed to the intercession of the Souls, and it brings together devotees and pilgrims from the most diverse places. The souls of the people may be considered the people's saints. This is an opportune moment to protest and strengthen the struggles for policies to coexist with the Brazilian semi-arid region, combating social and economic inequalities and aiming for sustainable development. The methodology employed was bibliographical research, with the theoretical framework constituted by readings of books and articles, as well as websites and documentaries recording the accounts of the last survivors of the camps. This allowed for a more nuanced understanding of the political-religious phenomenon of the Walk of Drought.

**Keywords:** Drought Walk; concentration camps; Souls of the Dam; ritual; pilgrimage.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), na linha de pesquisa Ética e Filosofia Política. Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Graduando em Teologia Católica pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). *E-mail:* ismaellimasp@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Teologia (PUCPR). Docente no Centro Universitário Internacional (UNINTER). *E-mail:* marciopelinski@hotmail.com.

## Resumen

Este trabajo tiene como objetivo estudiar la Caminata de la Seca realizada en el municipio de Senador Pompeu, Ceará. Se partió de la comprensión de que la caminata es un evento ritual, político-religioso, que nace de la devoción popular a las Almas de la Presa, pero que también denuncia injusticias sociales y reivindica la lucha por los derechos y por la dignidad humana. Organizada por la Iglesia Católica con la colaboración de los diversos movimientos sociales y culturales existentes en el municipio y en la región, la caminata fue creada en 1982 con el fin de promover la memoria de los miles de víctimas de los campos de concentración, de la seca de 1932, especialmente el Campo de Patu. Reuniendo devotos y peregrinos de los más diversos lugares, el espacio está dedicado a las oraciones y agradecimiento por los milagros y gracias logrados, atribuidos a la intercesión de las almas. Las almas del pueblo son el santo del pueblo, además, también es momento oportuno para protestar y fortalecer las luchas por políticas de convivencia con el semiárido brasileño, combatiendo las desigualdades sociales y económicas y buscando el desarrollo sostenible. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica, cuyo referencial teórico está constituido por las lecturas de libros y artículos, además de enlaces y documentales con registros de relatos de los últimos supervivientes de los campos, que permitieron comprender mejor el fenómeno político-religioso de la Caminata de la Seca.

**Palabras clave:** Caminata de la Seca; campos de concentración; Almas de la Presa; ritual; peregrinaje.

## 1 Introdução

Todos os anos, sempre aos segundos domingos de novembro, a Caminhada da Seca, em Senador Pompeu (CE), reúne milhares de romeiros vindos das mais diversas regiões do estado e do país sob a inspiração motivadora que surge da devoção às Almas da Barragem e/ou da luta por memória e justiça social para aqueles que sofreram e sofrem com os dilemas consequentes da ausência de políticas efetivas e eficazes de convivência no semiárido brasileiro.

Criada no ano de 1982, pelo padre italiano Albino Donatti, então pároco de Senador Pompeu, que ao chegar no município encontra a devoção popular existente em torno das Almas da Barragem, a Caminhada da Seca tornou-se um importante patrimônio imaterial, ainda que essa não tenha sido a sua primeira intenção. A romaria surge com a proposta de render homenagens às vítimas do campo de concentração do Patu, instalado no município durante a seca de 1932, e que resultou na morte de milhares de flagelados que buscavam fugir dos castigos inclementes da fome e da miséria em anos de forte estiagem.

Às quatro e meia da manhã, do domingo da romaria, o povo se reúne no patamar da Igreja Matriz e parte rumo ao cemitério da barragem do Patu, cerca de três quilômetros da sede do município. As pessoas caminham trajando roupas brancas, clamando por uma sociedade de fé e paz; também levam pão e água, que simbolizam a vida e retratam o sofrimento daquele povo pela fome e pela sede. Chegando ao cemitério, acontece a celebração eucarística e, em seguida, os fiéis visitam o local para fazer as suas orações em agradecimento pelas graças alcançadas por intermédio das Almas, que são consideradas santas pelo povo, além de oferecer pão e água.

Desde a sua gênese, além de manifestar a devoção do povo, a Caminhada também carrega uma função social, que clama pela cidadania e vida digna no semiárido brasileiro, alimentando a esperança de uma sociedade mais justa e fraterna e que sabe cuidar da criação, como sugere o tema da quadragésima segunda edição da romaria, em 10 de novembro de 2024: “como peregrinos da esperança, caminhando ao campo santo do sertão: pelas Santas Almas da Barragem, pela fraternidade e pelo cuidado com a criação”.

Compreendendo o múltiplo caráter da Caminhada da Seca, que carrega aspectos religiosos, culturais, históricos, políticos e sociais, apresenta-se essa proposta de pesquisa, a fim de compreender a romaria em seu significado mais amplo e profundo e, talvez, inalcançável em sua materialidade. De tal modo, pode-se perceber que a fé religiosa manifestada nessa romaria não apenas reza e canta, mas existe nela a expressão objetiva de um posicionamento político que denuncia e combate com radicalidade as injustiças sociais de todos os tempos. Cientes disso, pretende-se investigar o caráter político-religioso da Caminhada da Seca no município de Senador Pompeu (CE), a fim de responder à pergunta: de que modos política e fé se articulam em torno da devoção às Almas da Barragem do Patu?

Tal reflexão nasce em virtude da importância da Caminhada da Seca para a compreensão de parte significativa da história do município de Senador Pompeu, atuando em várias perspectivas como vetor fundamental de promoção da memória daqueles que viveram o horror dos campos de concentração em 1932. É nesse movimento que se reconhece e valoriza a articulação positiva entre fé e política, por meio da devoção às Almas da Barragem e da luta no combate às injustiças de ontem e de hoje em favor da transformação necessária da sociedade em que vivemos. Além disso, a realização desse trabalho contribuirá para a leitura desse fenômeno, servindo como registro e fonte de estudo que possibilitará o acesso ao conhecimento sobre essa história. Desse modo, também será um dispositivo, que se soma a tantos outros (documentários, livros, espetáculos cênicos, a própria Caminhada), de promoção da memória, dando visibilidade e voz aos que foram silenciados, fortalecendo as lutas e a resistência para que tragédias e crimes dessa natureza nunca mais aconteçam.

## **2 Metodologia**

Com o objetivo de desenvolver um estudo sobre a Caminhada da Seca, na perspectiva de um ritual político-religioso que agrega as configurações próprias das romarias existentes país afora e reflete uma importante manifestação do catolicismo no Brasil e no mundo, realiza-se uma pesquisa bibliográfica e conceitual fundamentada na revisão de literatura relacionada à

temática abordada. Para tanto, no estudo, faz-se uso de livros, periódicos, artigos, sites da internet, filmes e documentários e outras fontes. Essa forma de abordagem visa garantir a resolução do problema apresentado a partir de referenciais teóricos importantes para a leitura do tema. Vale ressaltar ainda a utilização da pesquisa participante como forma de melhor observar o evento. Desse modo, em um primeiro momento, realiza-se a exposição de algumas considerações sobre a noção de ritual a partir da obra “Rituais de ontem e hoje” (2003) de Mariza Peirano, e das reflexões feitas por Lidevania Ribeiro de Souza sobre a temática em “A festa dos pequenos” (2018). Logo após, o trabalho trará uma compreensão sobre a ideia de romaria/peregrinação como manifestação antiga e sempre nova da fé católica em seu caráter bíblico e histórico, fazendo uso das mais variadas fontes. No terceiro e último momento, a fim de confirmar a tese, faz-se uma contextualização histórica sobre as experiências concentracionárias no Ceará e o surgimento da Caminhada da Seca, a fim de evidenciar seus aspectos religiosos e políticos. Nessa parte, toma-se as leituras de pesquisadores que fazem as narrativas desse trágico episódio da história cearense.

### **3 A “caminhada da seca no município de Senador Pompeu, Ceará (Brasil)**

#### **3.1 Considerações sobre o conceito de ritual**

No início desse trabalho, toma-se como ponto importante a reflexão sobre algumas noções acerca do conceito de ritual. Objetivamente, recorre-se ao pensamento de Mariza Peirano (2003) que reconhece o ritual como prática cotidiana das relações, ou seja, é parte constituinte da vida presente em um todo e em qualquer tempo e lugar da vida social, apesar de ser usado o termo ritual “como uma conotação de fenômeno formal e arcaico” (Peirano, 2003, p. 7) e conferiram-se a ele o caráter de “dimensão menos importante de um evento, sinal de uma forma vazia, algo pouco sério – e, portanto, ‘apenas um ritual’” (Peirano, 2003, p. 7).

Peirano (2003) ajuda a pensar sobre a desvalorização do ritual na contemporaneidade, de modo que não se reconhece nele (quase) nenhuma importância ou significado profundo e legítimo, desconhecendo os processos de inserção e transformação dos mais diversos rituais nos mais diversos contextos sociais. É como se tratasse de mera reprodução da forma, sem mudanças, sempre estáticos. Noções equivocadas que impedem de enxergar a real beleza e sentido contidos nessas experiências.

Para além das formas que podem ser as mais variadas possíveis, interessa descobrir e compreender o real significado de um evento ritual, sobre a mensagem que ele transmite. Assim, podem ser “profanos, religiosos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados

(...) como uma formatura, eleição, jogo de futebol” (Souza, 2018, p. 13), o que interessa no processo de compreensão de um ritual é a forma exclusiva que possuem, “um certo grau de convencionalidade, redundância, que combinem palavras e outras ações” (Peirano, 2003, p. 9).

A autora chama atenção para a importância da observação científica desses eventos, sobretudo por meio da etnografia, uma vez que existe uma racionalidade constituinte de tais experiências que impõe a necessidade de tentar compreender sua dinâmica a partir da visão e sentido daqueles que vivenciam esse ritual como manifestação da cultura e da história do seu povo. Nessas circunstâncias, sendo um produto da sociedade, os “rituais são bons para transmitir valores, conhecimentos e [...] próprio para resolver conflitos e reproduzir relações sociais” (Peirano, 2003, p. 10), revelando representações próprias de determinado grupo social, ampliando, iluminando e destacando aspectos muito comuns desse mesmo grupo.

Vivendo em sociedade, tudo o que se produz é dotado de significados e são comunicados a partir dos mais diversos modos de ser e estar no mundo. As roupas vestidas, as músicas que se ouve, os espaços que se frequenta, os alimentos que se come, tudo isso manifesta sentidos e significados e ajuda a comunicar com o mundo sobre os interesses, princípios e valores, crenças de um indivíduo. Em um ritual, as falas, ações, símbolos, objetos, também possuem significados, contribuindo para comunicar aquilo que é próprio de determinado grupo ou sociedade. Sobre esses elementos tão importantes nos rituais, Durkheim (1989, p. 30) diz que “é preciso saber atingir a realidade que representa e que lhe dá sua significação verdadeira”, pois, tais elementos, “traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, quer individual, quer social”.

Por mais estranhos que possam parecer determinados ritos e mitos, são dotados de grande significação para aqueles que os praticam, pois, como dito há pouco, traduzem aspectos da vida do indivíduo ou de determinada sociedade. É preciso reconhecer e valorizar o simbolismo concreto e abstrato presente em cada fala e em cada ação, pois “o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios” (Peirano, 2003, p. 11), dotadas de todo um sentido e significado para aquele corpo social, afinal, trata-se de ações sociais: “o falar e o fazer têm, cada um, sua eficácia e propósito, mas ambos são ações sociais” (Peirano, 2003, p. 11).

Nessa compreensão,

O ritual é formado de sequências ordenadas – começo, meio e fim, palavras e atos padronizadas, que tem sua naturalidade, e que não devem ser questionado sua existência. Em resumo, o ritual é expressado por vários meios, só deve ser percebido

devidamente. Segundo Peirano (2003, p. 11), “estas sequências têm conteúdo de arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)”. Ou seja, sequências de características que são de costume de um povo, que é de praxe ser feito, que devem ser realizados, de acordo como surgiu no grupo ou sociedade, devem ser condensadas e repetidas, tais atos, palavras etc. (Souza, 2018, p. 15).

Peirano apresenta um outro elemento importante para a definição de ritual, trazendo a performance compreendida em três perspectivas:

1) No sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como algo convencional, como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento. 2) No sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação, um exemplo seria o nosso carnaval. 3) Finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance, por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo (Peirano, 2003, p. 11).

Evidencia-se o quão importante é cada dizer e cada fazer às coisas para a plena configuração do ritual, uma vez que reside nesse performar, “os sentidos das coisas, os valores, tanto individual como coletivo” (Souza, 2018, p. 15). Cada ação, individual ou coletiva, é importante e manifesta algo em determinado rito/ritual. Na missa, por exemplo, o canto, o silêncio, o estender as mãos, o ajoelhar-se, o inclinar a cabeça, cada gesto, cada ação confere sentido ao rito/ritual. Assim, nessa performance do ritual, revela-se o caráter dinâmico dos eventos, pois “não se resume em uma só performance quando acontece, está sempre se transformando, acontecendo, incluindo coisas, tirando coisas, incluindo falas, tirando falas, e assim sucessivamente” (Souza, 2018, p. 16). Essas transformações correspondem aos movimentos das transformações provocadas pelos indivíduos que estão sempre inventando, produzindo e reproduzindo no corpo social do qual fazem parte, assim, a partir dos rituais e das reflexões suscitadas até aqui, pode-se considerar a ideia de que “cada sociedade possui sua cultura, suas tradições, suas formas e maneiras de ver seu próprio meio social, ela tem suas próprias características, dessa forma a sociedade não precisa de outros meios para produzir fenômenos” (Souza, 2018, p. 20). Nos termos de Durkheim, trata-se de uma realidade *sui generis*:

A sociedade é uma realidade *sui generis*; tem suas características próprias que não são encontradas, ou que não são encontradas sob a mesma forma, no resto do universo. As representações que a exprimem têm, portanto, um conteúdo completamente diferente das representações puramente individuais, e podemos estar seguros, de antemão, que as primeiras acrescentam alguma coisa as segundas (Durkheim, 1989, p. 45).

Pode-se concluir que os rituais configuram um importante instrumento de compreensão

das múltiplas sociedades e suas produções, revelando as variadas estruturas sociais, as definições dos papéis sociais, os conflitos, as contradições, as potencialidades etc. Partindo dessa percepção, direciona-se esse estudo acerca de um ritual muito interessante e presente na cultura do nosso povo, as romarias.

### 3.2 Bendita e louvada seja essa santa romaria

A ideia das romarias está presente na história das grandes religiões históricas há milhares de anos: no catolicismo, islamismo, judaísmo, budismo, hinduísmo, entre outras, e o ato de peregrinar marca profundamente as experiências religiosas no mundo todo ao longo da história. De acordo com o *The Oxford English Dictionary*, pode-se compreender o peregrino como aquele que viaja para um lugar sagrado em um ato de devoção religiosa. Também chamadas de romarias na tradição católica, esse peregrinar pode encontrar raízes nas peregrinações à Roma, que eram muito comuns durante o período medieval. Aqui no Brasil, historiadores defendem que os portugueses foram os responsáveis por trazer essa tradição, uma vez que não há registros entre os povos indígenas de pontos de convergência religiosa e os africanos escravizados trazidos para cá não chegaram a conhecer a romaria, apenas aqueles que haviam sido convertidos ao islamismo.

Vale dizer que as primeiras romarias no Brasil aconteceram entre 1743 e 1750, mas foi a partir de 1900 que tiveram início as grandes peregrinações sob o incentivo da Igreja Católica, especialmente em razão dos novos meios de transportes e de comunicação de massa, como as rádios religiosas. Vindos de todos os cantos, os romeiros chegam a pé, a cavalo, de moto, carro, ônibus, caminhões pau-de-arara, fazendo sacrifícios como carregar cruzeiros ou andar de joelhos a fim de pagar suas promessas. Tudo isso no entendimento que aquele lugar é santo e ajuda a chegar mais perto do céu. Caminhar, peregrinar, fazer romaria é algo muito forte e presente na experiência do povo de Deus.

#### Pensando as experiências brasileiras, as romarias

Giram em torno da visitação do sagrado, do divino, do cumprimento de promessas, de votos, do agradecimento, do fazer uma prece ao santo no qual se tem devoção. Geralmente no Brasil, essas romarias são viagens longas, podem ser individuais ou em grupos, chega a durar dias, elas podem ser realizadas a pé ou com meios de transportes (ônibus, carros, motos etc.). Podemos citar aqui alguns lugares de encontro de romarias como: o Santuário de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo, Juazeiro do Norte no Ceará (onde viveu padre Cícero, considerado santo por alguns brasileiros), Santuário de Bom Jesus da Lapa na Bahia e o Santuário de Nossa Senhora da Penha na Paraíba, lugar onde também todo ano recebe milhares de romeiros (Souza, 2018, p. 23).

Nesse espaço de tempo e lugar, os romeiros fazem a experiência com o sagrado, viajando rumo ao divino, ao que é santo, partilhando tal experiência de fé com outros tantos em um espírito de fraternidade, envoltos em sentimentos de unidade e solidariedade, despidos de qualquer configuração social que os distinga, pois, ali todos são iguais, todos são romeiros. “Todos estão presentes nas peregrinações em um só propósito, rezar para o santo, cumprir promessas, pedir uma graça” (Souza, 2018, p. 24).

Nesse movimento, as romarias possibilitam aos romeiros uma experiência existencial marcada pelo encontro com o sagrado, a união entre o visível (o lugar, as imagens etc.) e o invisível (a fé, as emoções), mas também os leva a um encontro mais profundo com sua própria cultura, abrindo perspectivas de transformações de sua realidade social. Essa experiência revela

A romaria como um evento ritual se apresenta como um sistema de comunicação, esse sistema é formado por símbolos, como: uma cruz, terços, chapéus de palha, músicas dos santos, bandeiras, blusas com fotos do santo ou de algo em relação ao evento, ou até cartazes de protestos, isso vai depender da particularidade do evento. Não esquecendo das falas e das performances durante uma romaria, até mesmo as performances da missa no evento da romaria. Tudo isso comunicará coisas ao romeiro, como também transmite várias emoções (Souza, 2018, p. 25).

Deve-se pontuar que tais experiências também aparecem para nós nas Sagradas Escrituras, desde o Antigo Testamento, afinal, a história do Povo de Israel é a história de um povo que peregrina, desde Abraão, em busca da terra prometida (Bíblia, Gn, 12: 1-4), até chegar às vivências das primeiras comunidades cristãs. No Evangelho de Lucas, por exemplo, pode-se perceber Maria e José como peregrinos que observavam a Lei de Moisés, vivendo a experiência de caminhar todos os anos rumo à Jerusalém para a celebração da Páscoa (Bíblia, Lc, 2: 41-52). Depois da Encarnação, tais peregrinações tornaram-se ainda mais sagradas, pois levavam consigo a presença física do Deus invisível. O próprio Jesus é apresentado em diversas passagens peregrinando entre a Galileia e Jerusalém, de modo que “a experiência mística de Jesus de Nazaré – que caminha para realizar plenamente a vontade de Deus Pai – é o alicerce e a luz que guia todas as peregrinações cristãs” (Silva, 2023). Assim,

Todo aquele que se faz peregrino e romeiro tem consciência de que segue os passos do Senhor que caminhou para Jerusalém a fim de nos trazer a salvação. **Como eu sigo os passos de Jesus Cristo? Como eu vivo o Evangelho? Meus passos também trazem a salvação para quem dela necessita?** Esta deve ser a preocupação fundamental nesse itinerário espiritual que é a romaria tanto para os que chegam como romeiros como para aqueles que se fazem dom e serviço, os que acolhem no lugar sagrado onde o céu toca a terra (SILVA, 2023, n.p., **grifos do autor**).

Todos são caminhantes em uma busca constante que tem a vida eterna como meta final e escatológica. Peregrinar é parte da condição humana, mas também condição para a Igreja como tal. Em cada romeiro que se coloca a caminho está a imagem palpável da Igreja peregrina. Contribui sobre o tema a pesquisa de Mello:

A Igreja peregrina é, assim, uma “Igreja em êxodo”, ou “em saída”, rumo às “periferias existenciais”, como o Papa Francisco costuma dizer, uma Igreja descentrada de si mesma, que sabe não está acabada, que tem imperfeições e necessita de conversão, como o povo de Deus no deserto. Uma Igreja que vai em busca dos afastados, marginalizados e doentes, que não cai na tentação da autorreferência, mas se compreende como mãe misericordiosa e servidora, a exemplo de Maria (MELLO, 2020, n.p.).

Mas esse tempo e espaço de experiência da fé que marcam as romarias também propicia a experiência política, tornando-a um importante instrumento de luta e resistência que denuncia injustiças sociais e violações de direitos, protestando em favor da transformação da sociedade que não está desvinculada da construção do Reino de Deus. Essa percepção que se tem da romaria deixa claro, mais uma vez, o caráter dinâmico desse evento ritual, uma vez que, ao longo dos tempos, as romarias no Brasil e mundo todo vêm “se modificando, se reinventando, de acordo com a cultura em que vive, com a realidade em que vive (...). Muitas vezes deixando de ser uma peregrinação religiosa (romaria), para ser uma peregrinação política, ou até mesmo uma peregrinação religiosa e política” (Souza, 2018, p. 25).

Para pensar esse duplo aspecto da romaria, religioso e político, toma-se como campo de estudo o fenômeno da Caminhada da Seca, realizada anualmente, em Senador Pompeu, sertão cearense. O evento conta com a participação de bispos, sacerdotes, religiosos, leigos, pastorais e movimentos da Igreja Católica, mas também abre espaço para lideranças políticas, movimentos sociais, grupos culturais, mobilizando a pluralidade de sujeitos, dentro e fora do município, em torno desse acontecimento.

A Caminhada da Seca é, portanto, a expressão material e imaterial dessa articulação existente entre fé e política a partir da devoção às Almas da Barragem. Trata-se de um evento ritual de peregrinação religiosa e política, fundamentado na celebração da memória das vítimas dos campos de concentração da seca de 1932 no Ceará, especialmente o Campo do Patu, em Senador Pompeu. As milhares de pessoas que peregrinam rumo ao cemitério da Barragem não caminham apenas sob a inspiração da fé nas almas, mas também seguem por motivações políticas diversas. Trata-se, portanto, de uma romaria que aponta para as violências e violações de direitos ocorridas nos campos, mas que se manifestam ainda hoje nas

mais diversas estruturas sociais e conjunturas políticas, sem deixar de afirmar o Evangelho de Jesus Cristo como fonte de libertação.

### 3.3 Caminhando ao Campo Santo

A primeira caminhada aconteceu no ano de 1982, a partir de uma iniciativa do padre Albino Donatti, italiano que chegou em Senador Pompeu em 1981. Desde lá, todos os segundos domingos de novembro, o povo caminha rumo ao “campo santo”. A escolha da data se deu em razão da proximidade com o dia de Finados, de que a memória das vítimas dos campos de concentração da seca de 1932 seria celebrada todos os anos em uma celebração eucarística inteiramente dedicada a elas. Vale ressaltar que a devoção em torno das Almas das Barragem é anterior à caminhada, que nasceu e se consolidou exatamente a partir do conhecimento das histórias das concentrações e dos relatos de milagres e graças alcançadas.

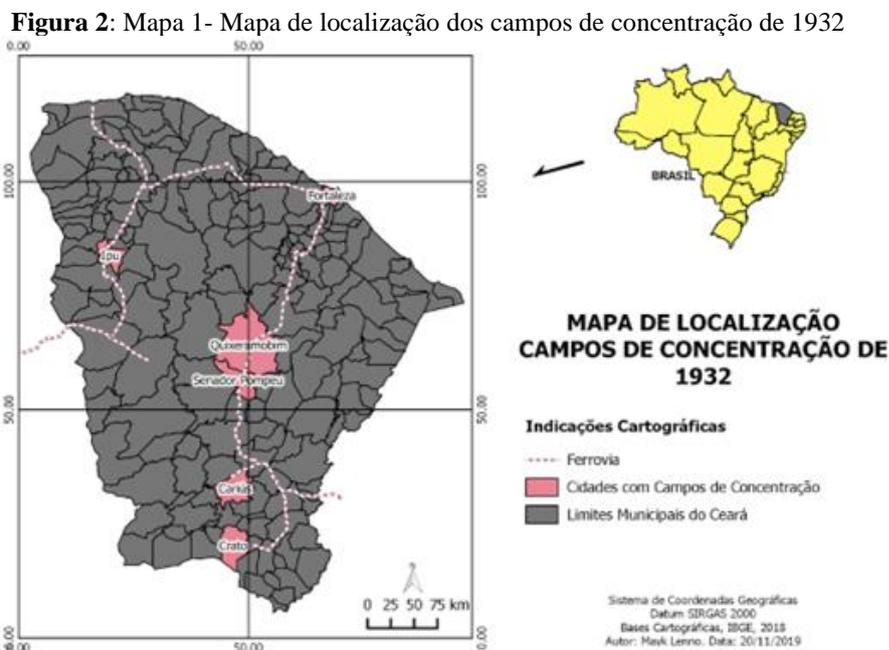
Inicialmente, a Caminhada está fundamentada na crença que existe em torno das almas da barragem, legitimada pelo resgate das memórias daqueles que sobreviveram ao horror de 1932 no Patu. Tais memórias, narradas por Luiza Lô, Carmélia Pinheiro, Joaquim Barbosa e tantos outros, ajudaram a construir “um campo simbólico propício para o processo de santificação dos mortos” (Silva, 2016, p. 2). Durante muitos anos, os depoimentos dos sobreviventes eram esperados pelos romeiros, de modo que suas narrativas da seca ajudavam na elaboração de novas narrativas em uma tentativa constante de conhecer e compreender toda essa experiência trágica.

**Figura 1.** Caminhada da Seca na década de 1980



**Fonte:** Acervo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antônio Conselheiro (s. d.).

Além do Campo do Patu, em Senador Pompeu, outros seis campos foram instalados no estado em 1932 (Quixeramobim, Cariús, Crato, Ipu, Fortaleza). A lógica adotada pelo governo para a escolha das cidades onde se daria a instalação dos sete campos seguia o tráfego ferroviário da linha Fortaleza-Crato (a Estrada de Ferro de Baturité) que cortava o estado. Apenas o município de Ipu “estava organicamente ligado às obras de prolongamento da Estrada de Ferro de Sobral” (Coelho, 2019, p. 21). Espalhados pelo Ceará, todos os campos tinham o mesmo objetivo: confinar os sertanejos que buscavam a capital, poupando as elites fortalezenses do incômodo convívio com retirantes sem trabalho, famintos e doentes, que lá buscavam meios de sobrevivência toda vez que se deparavam com uma longa estiagem (Oliveira, 2011).



Fonte: Lima (2019).

Diante desse cenário, “em busca de uma vida melhor, os retirantes encontravam uma realidade tão sofrida quanto à anterior – se não a morte que, por vezes, chegava antes dos dias melhores” (Paiva, 2020, p. 110). Assim, também relata dona Luiza Lô (*in memoriam*), sobrevivente do campo de concentração do Patu, conforme a transcrição de depoimento:

Tenho muita coisa para dizer não. Minha mãe não nos deixava desgrudar dos pés dela. Era muita gente. Ela tinha medo de alguém carregar eu e meu irmão. Do resto, todo mundo já sabe. Perdi a conta de quantas vezes já repeti tudo isso. O sofrimento foi medonho... Quando chegamos neste lugar, após caminhada de 16 léguas, deitamos ali mesmo, no chão. Exaustos, sem ter o que comer, minha mãe ferveu água para passar a fome. Era apenas o começo dessa miséria que nunca esqueci... Desesperado,

meu pai resolveu carregar a gente de Tauá para cá (Senador Pompeu) à procura do que comer e beber. Mas se estava ruim, ficou pior.<sup>3</sup> (REDE BRASIL ATUAL, 2011).

Na obra “Isolamento e poder”, Kênia Rios (2014) pontua que durante a seca de 1932, os sertanejos eram atraídos aos campos espalhados pelo estado com promessas de trabalho, alojamento, alimentação e serviço de saúde, mas, lá chegando, eram desiludidos pela precariedade do lugar. Estando uma vez confinados e não podendo mais sair, tinham suas cabeças raspadas, vestiam-se com sacos de farinha e eram obrigados a trabalhar praticamente em troca de comida, de péssima qualidade, diga-se de passagem. Tudo faltava: água, comida, remédio, humanidade. Soldados armados vigiavam e detinham quem ousasse fugir, havia locais específicos para punição e encarceramento daqueles que se rebelassem. As narrativas evidenciam a privação dos direitos dos retirantes como cidadãos e a negação do acesso às condições básicas para a manutenção de suas vidas, colocando sob risco a dignidade humana daqueles que adentravam o campo e reduzindo-os à sobrevivência, submetendo-os a uma condição extrema de exposição aos riscos de morte.

Eram lugares reservados para garantir o isolamento da população indesejada, os retirantes da seca que tentavam fugir em busca de meios que lhes garantissem a sobrevivência diante da miséria que se instala com os efeitos da seca no sertão cearense. Uma massa humana constituída de indivíduos cuja existência era considerada indigna e alocados na condição de não-vivos, “como se o que sucedesse com elas não pudesse interessar a ninguém, como se já estivessem mortas e algum espírito mau, tomado de alguma loucura, brincasse de suspendê-las por certo tempo entre a vida e a morte, antes de admiti-las na paz eterna” (Arendt, 1989, p. 496). Nesse limiar, entre a vida e a morte, sob a condição de um não-vivo que também não é um morto, o indivíduo está aquém dessa vida simples, da mera existência, dessa vida destituída da dimensão política, que chega ao ápice na experiência marcada pela exceção.

O campo de Senador Pompeu foi instalado no canteiro de obras da construção da barragem do Açude Patu, daí o nome Campo do Patu. A empresa inglesa Dwight P. Robinson & Company, mediante contrato com a recém-criada Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS), foi a responsável pelos estudos de elaboração para a construção da barragem, ainda em 1919, iniciando as fundações escavadas dois anos depois. A obra, porém, foi paralisada em 1923, sendo retomada apenas em 1984 e concluída em 1987. Abandonado por quase uma década, o espaço conhecido como Vila dos Ingleses, um conjunto de edificações da vila operária

---

<sup>3</sup> Extraído do depoimento de Dona Luiza Lô concedido à Cida de Oliveira, da Rede Brasil Atual, para a reportagem “*Mais cruéis que a seca*”, na 57ª edição da Revista do Brasil, publicada em 18 de março de 2011. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2011/03/mais-cruéis-que-a-seca/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

erguida como ponto de apoio para os trabalhos realizados durante as obras, serviu de apoio para a instalação do campo de concentração na região em 1932 e até hoje guarda as ruínas desse triste episódio (Coelho, 2019, p. 27).

Não demorou muito para que o espaço fosse ocupado pelos retirantes que chegavam de todos os lugares. Segundo Paiva (2020, p. 126), a contagem oficial dos fiscais do campo do Patu registrava 19.686 retirantes no dia 25 de maio de 1932. Na última contagem a que se tem acesso, em 20 de junho, o efetivo era de 16.221 pessoas. Acredita-se que a redução tenha se dado em razão das milhares de mortes ocorridas no período e pelo intenso movimento migratório em que muitos dos confinados seguiram para a construção de obras públicas ou para outras regiões do país.

Reduzida à mera existência biológica, suas vidas são totalmente esvaziadas de sentido e lançadas à sorte. A imensa maioria, diante do horror que encontravam ao adentrar ao campo, já não acreditavam na possibilidade de saírem vivos dali. Diante disso, Hannah Arendt (1989) ajuda a refletir sobre o verdadeiro horror dos campos de concentração que “reside no fato de que os internos, mesmo que consigam manter-se vivos, ficam mais isolados do mundo dos vivos do que se tivessem morrido, porque o horror compele ao esquecimento” (Arendt, 1989, p. 493).

Mortos, os flagelados eram enterrados em valas comuns abertas todos os dias pelos próprios concentrados e espalhadas pelo território que constituía o campo. Em depoimento ao Padre João Paulo Giovanazzi, Afonso Ligório do Nascimento (*in memoriam*), que também esteve concentrado no campo do Patu, conta que:

Faleciam de trinta a quarenta pessoas a cada dia, ninguém podendo sair do lugar da barragem. No cemitério, faziam valetas de toda largura, carregando os mortos. Ninguém tomava nota dos nomes deles; quase não eram considerados pessoas e cristãos. Havia também minha irmã mais velha; foi jogada numa valeta e coberta de terra (Nascimento *apud* Giovanazzi, 2012, p. 16).

Relato semelhante é dado por Félix Aristides da Silva, também em depoimento ao Padre Giovanazzi:

Eu lembro que no lugar do atual Cemitério da Barragem precisava escavar valetas e enchê-las de mortos. À noite, cobriam-se os mortos e se iniciava a escavar novas valetas. Eram muitos gritos e lamentações, consequências da dor sentida pelo povo e o pior é que não havia doutor. Em torno da barragem, os guardas impediam a cada pessoa de sair. A epidemia durou o ano, de janeiro a dezembro, e morreram mais de mil pessoas. Na minha família mesmo, morreram mãe, irmãos e primos. Também no ano seguinte, muitas pessoas ainda enfraquecidas, continuaram a morrer e eram enterradas no mato, lá onde agora está a água (Silva *apud* Giovanazzi, 2012, p. 19-20).

Segundo dados oficiais, pelo menos 1.637 pessoas morreram no campo do Patu, vítimas da fome, da cólera e de outras doenças tifo-disentéricas e da precariedade que marcava o lugar como um todo. Porém, dada a possibilidade de subnotificação das mortes e a desconfiança quanto aos dados apresentados em períodos específicos, a tragédia pode ter sido muito maior, sobretudo se considerar os efeitos da concentração que perduraram por meses mesmo após a desativação dos campos em 1933, como a fome crônica, que continuava a matar com o passar dos tempos na visão de Rodolfo Teófilo (Paiva, 2020, p. 65).

O início do processo de desmonte dos campos de concentração se deu em março de 1933, em virtude de inúmeras críticas na imprensa que escancaravam o fracasso da política adotada. A quadra chuvosa que se anunciava também foi favorável para que os campos não tivessem continuidade. Dois meses depois, os currais do governo deixariam de existir. Tal acontecimento, porém, nunca foi esquecido.

Ao longo das últimas décadas, a caminhada tem sido o principal espaço para fortalecer as dinâmicas de resgate e salvaguarda das memórias em torno dessa história. Na romaria, essas memórias aparecem cada vez mais latentes, profundamente atravessadas pelos registros daqueles que narraram suas experiências no campo, o que ajuda a reforçar o caráter devocional da peregrinação, manifestado nas inúmeras intenções para a missa com agradecimentos e pedidos, ou nos relatos de milagres e graças alcançadas, como a conquista de um emprego ou a cura de uma doença. Ainda que a origem da crença seja desconhecida, foi essa santificação das Almas da Barragem que fez do sítio histórico do Patu um espaço de peregrinação.

Assim, o povo reza e busca, por meio da Celebração Eucarística, alimentar e fortalecer a alma e o espírito para a perseverança na fé e na esperança em dias melhores, mas, também, o povo protesta e denuncia as injustiças sociais que sempre tomam como alvos os menos favorecidos, a quem são direcionadas toda forma de violência e de violação de direitos. Ao fazer memória das vítimas dos campos de concentração e dizer que “as almas do povo são o santo do povo”, elevando os sofredores dos campos da seca aos altares por via popular, busca-se contribuir para um novo e definitivo reconhecimento da dignidade desses “outros” que o Estado tentou descartar e apagar da história, ao mesmo tempo que, é possível reconhecer neles a própria dignidade.

Como tantas romarias, a Caminhada tem se configurado como espaço de encontro e celebração, mas também de organização e fortalecimento das lutas populares, unindo a fé cristã com as perspectivas de transformação da realidade. Ainda que tenha a Igreja Católica como principal força na sua organização, a romaria manifesta a existência de uma fé que não se restringe à mera contemplação na busca pelo conforto dos corações, mas que está mergulhada

na consciência e nas práticas que buscam construir uma sociedade sem exploração do homem pelo homem. Uma fé que busca, diariamente, construir o mundo novo em que não haja injustiça, desigualdade e miséria.

#### **4. Considerações finais**

Nesse trabalho, é tratada a Caminhada da Seca como um ritual de peregrinação político-religioso. Político porque faz memória às vítimas dos campos de concentração da seca de 1932 no Ceará, especialmente o Campo do Patu, em Senador Pompeu, denunciando o fracasso das políticas de combate às secas, as violências e violações de direitos impostas aos milhares de retirantes confinados nesses campos. Nesse movimento, a Caminhada promove o reconhecimento da dignidade daqueles que morreram de fome e sede e, também, reflete a dignidade daqueles que caminham, denunciando as injustiças e dilemas sociais dos tempos atuais. Religioso porque é organizada pela Igreja Católica e é fruto da devoção popular às Almas da Barragem, consideradas santas e responsáveis por intermediar milagres e graças alcançadas. Como tantas outras experiências do gênero, como a Romaria da Terra, a Caminhada reflete a preferência da Igreja, desde o Concílio Vaticano II, pelos mais pobres e menos favorecidos, voltando sua prática pastoral também para o combate às dinâmicas de opressão nos mais diversos contextos sociais.

A Caminhada da Seca constitui esse tempo e espaço de peregrinação para a realização de orações, o cumprimento de promessas, a celebração da Palavra e da Eucaristia, em um manifesto público de que todos caminham na estrada de Jesus e com Jesus. Além disso, é um espaço de questionamento e protesto contra atos da sociedade e políticas de governos que ameaçam os direitos da classe trabalhadora, a dignidade humana e o meio-ambiente.

Para conseguir colocar em evidência esse duplo aspecto da romaria, político e religioso, realizou-se no primeiro momento uma abordagem sobre a noção de ritual e sua importância para a percepção e compreensão dos dilemas e conflitos, das dinâmicas políticas, sociais, econômicas e estruturais das sociedades de hoje, possibilitando análises mais profundas e sob várias perspectivas. Ao estudar os rituais, estuda-se aquilo que é próprio da natureza e do ser humano.

A Caminhada é repleta de símbolos que confirmam os muitos sentidos da peregrinação. Enquanto caminham, os romeiros levam consigo pão e água, que simbolizam a vida e retratam o sofrimento dos retirantes da seca pela fome e pela sede. Vestidos de

branco, clamam por paz e justiça. Durante o trajeto, entoam-se louvores e orações, realizam-se intervenções artísticas, conta-se um pouco da história dos campos e daqueles que sobreviveram ao horror. Tudo isso forma um sistema de comunicação simbólica que leva o romeiro a refletir sobre a sua vida e a vida do seu povo.

Caminhando ao campo santo, os romeiros seguem na mesma intenção, chegar ao lugar sagrado da devoção. Ao passo que caminham, o povo louva e reza, celebra e agradece a vida, mas também denuncia injustiças e reivindica direitos. De tal modo, pode-se concluir que a Caminhada da Seca é um evento ritual político-religioso.

## Referências

- ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- COELHO, I. V. **Museu de território dos campos de concentração no Ceará**. 2019. 147 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/47327>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- DURKHEIM, E. Objeto da Pesquisa: sociologia e teoria do Conhecimento. *In*: DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulus, 1989.
- GIOVANAZZI, J. P. **O santuário da seca**. Senador Pompeu: [s.n.], 2012.
- LIMA, M. L. H. **Sempre há esperança após a cerca e a seca**: a patrimonialização do campo de concentração do Patu em Senador Pompeu – CE. 2021. 140 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPL\\_620bfb120d7b6fcdeaf9c3fa1257468d](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPL_620bfb120d7b6fcdeaf9c3fa1257468d). Acesso em: 27 nov. 2024.
- MELLO, A. A. Romaria como espaço do êxodo: parte I. **A12**, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://www.a12.com/academia/artigos/romaria-como-espaco-do-exodo-parte-i>. Acesso em: 16 out. 2024.
- OLIVEIRA, C. Campos de concentração no Ceará: mais cruéis que a seca. **Rede Brasil Atual**. São Paulo, 18 de março de 2011. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2011/03/mais-cruéis-que-a-seca/>. Acesso em: 26 nov. 2020.
- PAIVA, F. **Campos de concentração no Ceará**. 2. ed. São Roque: Gênio Editorial, 2020.
- PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. São Paulo: Zahar, 2003.

REDE BRASIL ATUAL. Reportagem “Mais cruéis que a seca”. **Revista do Brasil**, v. 57, 18 mar. 2011. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2011/03/mais-cruéis-que-a-seca/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

RIOS, K. S. **Isolamento e poder**: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SILVA, K. Q. "Caminhando ao Campo Santo pelo sertão eu vou...": a construção da caminhada da seca, Senador Pompeu- CE (1982-2010). *In*: SEMANA DE HISTÓRIA DA FECLESC, 13., 2016, Quixadá. **Anais** [...]. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2016, p. 1-13. Disponível em: (2016). [https://www.uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos\\_completos/245-9737-10082016-085921.pdf](https://www.uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/245-9737-10082016-085921.pdf). Acesso em: 22 out. 2024.

SILVA, P. S. Peregrinação e romaria: o ser humano caminha ao encontro de Deus. **Diocese de Crato**, 14 set. 2023. Disponível em: <https://diocesedecrato.org/peregrinacao-e-romaria-o-ser-humano-caminha-ao-encontro-de-deus/>. Acesso em 16 out. 2024.

SOUZA, L. R. **A festa dos pequenos**: um estudo sobre a Romaria da Terra na Arquidiocese da Paraíba. 2018. 72 f. Monografia (Graduação em Antropologia) — Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14902>. Acesso em: 27 nov. 2024.